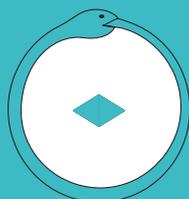
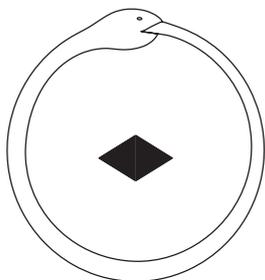


NHE'ËRY, REC.TYTY
e OUTROS PULSARES
Ailton Krenak, Carlos Papá
e Cristine Takuá



cadernos
SELVAGEM



NHE'ERY, REC.TYTY E OUTROS PULSARES

Ailton Krenak, Carlos Papá e Cristine Takuá

Transcrição da conversa realizada no dia 7 de abril de 2021.

AILTON KRENAK: Nós estamos experimentando na escola Selvagem; nós estamos aprendendo o tempo inteiro uns com os outros. É maravilhoso para mim, um presente, celebrar as cosmovisões. Que maravilha poder conjugar, num tempo tão difícil, essas poéticas que nos dão vida, que nos animam e nos tiram da mesmice. A mesmice terrorista que o mundo capitalista, industrial; esse mundo que convenciamos chamar de “civilização”. Ele criou uma velocidade tão incontida em si mesmo, que parece que nem admite que possa existir a noite.

A noite, que separa essa jornada do sol e que nos põe em um outro lugar, onde nós podemos sonhar, meditar, contemplar as estrelas no céu. A velocidade nos fez esticar o dia. Eu achei escandaloso quando vi a propaganda de um banco que dizia que ele ficava trinta e tantas horas no ar. Daí fiquei pensando: “Nossa, quanta mentira!”. Essas narrativas mentirosas vão criando um mundo mental equivocados. E me ocorreu que um dia de trinta e tantas horas, que uma instituição inventou para vender alguma coisa, além de ser uma mentira, é um dano para o imaginário; um dano para o espírito da pessoa, que obviamente sabe que não existe dia de trinta e tantas horas.

Vamos falar um pouco dessa entidade que nós celebramos: a noite. E eu quero comemorar a publicação do caderno [Selvagem] PYTUN JERA, DESABROCHAR DA NOITE, uma maravilhosa visão. Cris e Papá, que bom ter vocês nesse diálogo! Eu vou aprender muita coisa boa e vou contar algumas para vocês. *Aguyjevete!*

CARLOS PAPÁ: *Aguyjevete! Aguyjevete*, tio Ailton. Sou eu quem aprende muito com você, na verdade. Eu aprendo muito! Eu vejo assim: que a cada dia estamos aprendendo uns com os outros. E também tem essa energia que *nhe'ery*, a Mata Atlântica, nos traz para gente ficar mais integrado a ela, sempre falando, sempre se inspirando, sempre caminhando juntos e levando essas ideias de sonho, que a gente sonha e pensa. E informamos da onde surge essa criança, esse novo projeto que a gente

cria. Porque a partir do momento que a gente cria, a gente cria uma criança, e tem que cuidar dela, para não cair, não se machucar. Esse projeto de *nhe'ery* e *rec.tyty* é uma responsabilidade que a gente criou e tem que cuidar bem dele para não cair e se machucar. Eu vejo assim: que a cada dia que passa, estamos aprendendo. E a gente sabe que esse mecanismo que o capitalismo criou. A gente tá vivendo em paralelo, no sentido em que a gente tem que suportar isso. Infelizmente, a gente tem que suportar; deixar isso indo e a gente caminhando, levando nossas ideias, nosso pensamento. Porque o capitalismo não compra nossos ideais e isso é de grande importância.

CRISTINE TAKUÁ: *Agyjevete*, Ailton e todos. Para mim também é uma alegria estar aqui. Alguns dias atrás, eu sonhei que você estava aqui, Ailton. Estávamos falando daqui do Ponto de Cultura, que é um espaço novo que a gente criou. [No sonho] Eu estava esticando uns fios para tecer e você estava sentado arrumando uns livros. Aí você falava que eu tinha que organizar os fios igual organizo os livros, e começamos a conversar sobre fios e livros. E hoje você está aqui, mesmo que à distância, você está aqui dentro, falando nessa energia desse movimento do *nhe'ery*, do *tyty*, que é esse pulsar. Estamos juntos nesse pensamento, nesse sentimento. Para mim é uma grande alegria podermos estar juntos, pulsando nessa mesma energia de espalhar sementinhas de consciência, de pensamento, nesse momento em que vejo tanta gente um pouco desequilibrada com todo esse sofrimento que a Terra está passando. Mas a gente segue tentando se reencantar a cada novo dia.

Então é uma grande alegria esses encontros. Ontem, contei para a Anna [Dantes] que muitos anos atrás, quando eu estudei [na faculdade de] Filosofia, ninguém falava de abrir um espaço para outras epistemologias. E recentemente recebi um e-mail de uma professora, com quem há muitos anos eu não falava e que me deu aula de epistemologia, para me contar que os cadernos *Selvagem* estão sendo lidos nas aulas de epistemologia da Unesp de Marília. Isso me deu uma alegria: perceber que a própria universidade está se abrindo para essas outras sementes, essas outras formas de enxergar o mundo, de ser e estar no território de outras maneiras, e que não foram as maneiras como Kant, Aristóteles e todos esses homens de lá do outro lado do oceano, viveram e pensaram.

AILTON KRENAK: Legal você mencionar o *rec.tyty*, que é essa ação que nós estamos a desenvolver juntos. Inclusive, a oficina aí do centro cultural, as atividades que já estão acontecendo, são exatamente essa experiência que nós nos propomos a fazer como uma ação que articula, a partir daí da sua comunidade do rio Silveira, outras geografias, de territórios onde os nossos parentes têm os *tekoa*, onde estão as outras aldeias. E também os outros sítios e locais.

Quando a gente pensou o *nhe'ëry*, a gente pensou em fazer aquele GPS que consegue achar onde tem um significado: Ibirapuera, Anhangabaú, Pátio do Colégio. Na história colonial, na história bandeirante, o Pátio do Colégio tem um significado cheio de celebração do evento colonial. Mas, nós temos uma outra narrativa sobre esses sítios, esses lugares; eles aparecem inclusive nas narrativas ancestrais, que seriam as narrativas míticas.

Já faz uns três anos que começamos a sonhar com *nhe'ery*. Foi bem antes da pandemia que a gente começou a fazer nossa concentração, meditação, sobre *nhe'ëry*. Me lembro que em 2019, quando a gente fez o último encontro presencial do Selvagem, tinha um coletivo nosso lá no Jardim Botânico [do Rio de Janeiro] e vocês perguntaram “Quando que a gente vai fazer a primeira ação desse *nhe'ëry*?”.

A gente imaginava que seria ir para a cidade, chamar o pessoal do Jaraguá e fazer algumas intervenções igual àquela onça que o Denilson [Baniwa] espalha, carimbando na cidade “São Paulo é Terra Indígena”. É interessante para quem está nos ouvindo poder aproximar a ideia de que o *rec.tyty* é uma ação dentro de um pensamento que vem se articulando já há alguns anos, que é o de ressaltar em pontos geográficos da cidade de São Paulo – e também do litoral, pois há muitas aldeias que estão lá – esses sítios sagrados da ampla tradição guarani.

CARLOS PAPÁ: Se fala muito da Mata Atlântica, mas muitos parentes – minha finada mãe, meu finado pai e meu avô, por exemplo – não sabiam o que era Mata Atlântica. Quando se falava “Mata Atlântica”, eles perguntavam “Mas o que significa Mata Atlântica?”. Aí [respondiam] “Mata Atlântica é onde a gente está hoje, essa mata, o ambiente onde a gente mora. O ambiente de lá pra cá, de Rio de Janeiro até Porto Alegre, Rio Grande do Sul; é uma mata costeira.”. Mas mesmo assim, falando isso,

não entrava o que é Mata Atlântica. E aí eu perguntei “Mas e vocês? Como vocês conhecem esse lugar que a gente vive, esse lugar que os juruá chamam de mata? Como vocês chamam essa mata que vivemos?”. Então, eles me falaram “Nossos ancestrais, nossos avós, conhecem como *nhe'ẽry*”. E eu perguntei “Mas por que *nhe'ẽry*?”. [Eles responderam] “É *nhe'ẽry* porque é um lugar muito sagrado. Não pode chegar na praia de sunga ou de biquini, ficar se exibindo. Esse lugar, a praia, é sagrado. Somente os rezadores, somente pessoas iluminadas podem chegar na beira da praia ou na beira do mar para receber iluminações de elevações espirituais para alcançar o *γvy marae'y*, que é o mundo perfeito. Então, é o lugar em que se banhava para se despedir do corpo imperfeito. É um lugar muito sagrado.”. Por isso que eu perguntei a eles por que diziam *nhe'ẽry*, essa palavra em guarani que significa “onde a alma se banha”. As pessoas que ficavam na costa do mar, à espera de que um dia o corpo pudessem se banhar para poder se purificar, ter uma elevação espiritual e alcançar *γvy marae'y*.

Então, a Mata Atlântica não é Mata Atlântica. “Atlântica” é o nome do mar que o juruá criou, o “Atlântico”. Para nós, o mar é o mar. Seja lá onde for, mar é mar. Pode até estar em um lugar diferente, mas é salgado, é um corpo só. Para nós, não existe isso de Pacífico e Atlântico. A cosmologia do guarani passa por isto: “onde as almas se banham”, quer dizer *nhe'ẽry*, que é a Mata Atlântica.

CRISTINE TAKUÁ: A gente já vem dialogando sobre a possibilidade de se recontar a história da *nhe'ẽry*. Dos espaços sagrados, tanto em São Paulo como aqui no litoral, da presença que vem há muitos e muitos séculos com uma memória, que muitas vezes é desconhecida do povo brasileiro. Porque nas escolas não se conta, os livros de história não falam da *nhe'ẽry* da forma como ela é vista ancestralmente. Então, esses nossos diálogos sobre *nhe'ẽry* já vêm há alguns anos trazendo a potência dessa vontade de recontar, de mapear de novo esses espaços que hoje são habitados e onde são construídas muitas coisas em cima da sagrada *nhe'ẽry*.

Muitos desconhecem o que realmente aconteceu ali. Muitos rios hoje estão totalmente aterrados pelo cimento. Então, a ideia de trazer à tona esse diálogo sobre *nhe'ẽry* é justamente fazer com que o povo brasileiro – principalmente aqui nessa região onde está a *nhe'ẽry* – possa se reconectar com essa memória ancestral.

Dentro desse pensamento, a gente está nesse diálogo de construção do *rec.tyty*, que é um festival de arte indígena. A *nhe'ery* está dentro desse festival, com pequenas oficinas que a gente desenvolveu dentro da nossa comunidade aqui no rio Silveira e também lá no Jaraguá, com o apoio de Tamikuã Txihi, uma grande artista pataxó que vive lá na terra indígena do Jaraguá. Junto com os jovens, a gente começou a contar histórias, a produzir artes e desenhos sobre a *nhe'ery*. Sobre esses espaços sagrados e os seres que vivem neles. Seres vegetais, seres animais, seres minerais que estão vivos e pulsando dentro da *nhe'ery*, resistindo a todo esse mar de cimento e à colonização capitalista, que vem sujando, enterando, aterrando os rios. E ela sempre está querendo voltar.

Acho muito impressionante quando, andando pela cidade, vejo as plantinhas brotando do meio do cimento. Muitas dessas plantinhas são comestíveis ou são medicinais que brotam no meio do cimento. A *nhe'ery* resiste a todo esse cimento. Então, esse festival que estamos propondo fazer juntos, pensando em diálogos junto com o Ailton Krenak, o Carlos Papá, a Naine Terena, a Sandra Benites, com os artistas que estão por aí em todas as partes. Artistas indígenas que produzem cinema, desenhos incríveis, literatura. Que produzem pensamento. A arte é pensamento. Então, esse festival, que tem como nome *rec-tyty*, é trazer esse pulsar da *nheery* para a gente se reconectar com essa memória. A memória do rio, a memória da árvore, a memória de todos os seres que estão aí resistindo junto com a gente.

AILTON KRENAK: Que bom poder convidar nossos amigos para o festival. Em um ambiente onde a gente pode fazer uma poética sobre esse mundo e produzir, como disse a Cris, conhecimento sobre os territórios, sobre as nossas diversidades culturais e ajudar também na constituição de uma outra narrativa, que pode concorrer com outras epistemologias que sempre configuraram esses mundos. Inclusive, a ideia do oceano Pacífico, do Atlântico. Isso é geopolítica. Ela vem desde quando os impérios decidiam o Tratado de Tordesilhas, quem fica com que pedaço do mundo. Esse fatiamento do mundo instituiu uma cartografia colonial; uma geografia determinada também pelo jogo político da história.

Quando a gente fala “Mata Atlântica” e somos capazes de botar em questão essa terminologia, [vemos que] a Mata Atlântica, o próprio

oceano e a formação florestal ficaram capturados por um mundo administrativo. Chamar a Mata Atlântica de Mata Atlântica é incluí-la na lista dos recursos florestais. Ela foi devastada exatamente porque ela é a Mata “Atlântica”. Se alguém soubesse que ela é outro lugar, que ela é *nhe'ẽry*, que ela tem uma transcendência, talvez os brasileiros antigos tivessem aprendido que não podiam devastá-la. O nome também diz muita coisa sobre o que nós pensamos, como nomeamos o mundo. Vamos invocar essa transcendência da *nhe'ẽry* e ver se conseguimos mudar também aquele debate que acontece no âmbito do Instituto Florestal, que acontece lá na universidade, onde as pessoas continuam repetindo a mesma conversa antiga.

Fiquei sabendo recentemente que os caiçaras de uma região da Jureia estão sendo fustigados pelo Instituto Florestal e por outras organizações conservacionistas, dizendo que os caiçaras não podem ficar dentro da *nhe'ẽry*, dentro da natureza, da floresta, porque eles estragam a natureza. Ora, se os caiçaras aprenderam com nossos antepassados a viver dentro da *nhe'ẽry*, como é que eles podem ameaçar a Mata Atlântica?

Então, esse Instituto Florestal deveria abrir um pouquinho o ouvido, fazer um pouco de silêncio, ficar um pouco no escuro e aprender o que é *nhe'ẽry*, em vez de ficar baixando normas e regulamentos sobre o quê fazer com a Mata Atlântica. Eu não podia perder a oportunidade de fazer esse comentário, Cris e Papá, porque essa semana fui alertado por nossos parentes caiçaras. Eles não são indígenas, mas eles têm uma história de 300 anos dentro desse ambiente chamado Mata Atlântica. Assim como as nossas aldeias foram muito fustigadas pelo conservacionismo ambientalista, agora os ambientalistas decidiram pegar no pé dos caiçaras. E como a gente gosta dos caiçaras, a gente não podia deixar eles levarem chumbo sozinhos. *Haux haux*, caiçaras! Firmeza, caiçaras!

AILTON KRENAK é um pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2019 e 2020).

CARLOS PAPÁ MIRIM é um líder e cineasta indígena do povo Guarani Mbya. Trabalha há mais de 20 anos com produções audiovisuais, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura *guarani mbya* por meio da realização de documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. Também atua como líder espiritual em sua comunidade. Vive na aldeia do Rio Silveira, onde participa das decisões coletivas e busca ajudar a sua comunidade a encontrar caminhos para viver melhor. É Conselheiro do Instituto Maracá e representante pelo litoral norte de SP da comissão *Guarani Yvy rupa* (CGY).

CRISTINE TAKUÁ é filósofa, educadora e artesã indígena, vive na aldeia do Rio Silveira. Na comunidade do Rio Silveira é professora da Escola Estadual Indígena *Txeru Ba'e Kuai'* e também auxilia nos trabalhos espirituais na casa de reza. É também Fundadora e Conselheira do Instituto Maracá. Representa o núcleo de educação indígena dentro da Secretaria de Educação de São Paulo e é membro fundadora do FAPISP (Fórum de articulação dos professores indígenas do Estado de São Paulo).

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil
Instituto Maracá

A edição deste caderno contou com as especiais colaborações de Victoria Mouawad, que fez a transcrição da fala, e de Maíra Souza, revisora do texto. O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Muito obrigada ;)

Redatora, tradutora e escritora, **VICTORIA MOUAWAD** é uma paulistana com um pé no Rio de Janeiro. Formada em Administração de Empresas pela FGV-SP, a paixão pelas letras que traz consigo desde a infância se manteve viva em seu interior. Em 2020, traduziu com Madeleine Deschamps o livro *Metamorfoses*, publicado pela Dantes Editora. Atualmente, é aluna da formação para tradutores literários da Casa Guilherme de Almeida.

MAÍRA SOUZA: Tenho estudado agroflorestas sucessionais e viola caipira, me graduei em História, trabalhei com edição de livros didáticos por mais de dez anos, dou aulas de canto, gosto de escrever, de cantar, de performar; costuro, modelo e faço sabão de vez em quando.